METODOLOGIAS ATIVAS E OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELO DOCENTE: ENTRE A PARTICIPAÇÃO DO ALUNO E AS EXIGÊNCIAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

ACTIVE METHODOLOGIES AND THE CHALLENGES FACED BY TEACHERS: BETWEEN STUDENT PARTICIPATION AND THE DEMANDS OF PEDAGOGICAL PRACTICE

METODOLOGÍAS ACTIVAS Y LOS DESAFÍOS ENFRENTADOS POR EL DOCENTE: ENTRE LA PARTICIPACIÓN DEL ALUMNO Y LAS EXIGENCIAS DE LA PRÁCTICA PEDAGÓGICA

10.56238/IICONEDUCA-072

Dylan Barcelos Matias Ferraz
Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação
Instituição: Must University
E-mail: dylan-ferraz2010@hotmail.com

RESUMO

Falar em metodologias ativas tornou-se cada vez mais frequente no campo educacional, principalmente diante da necessidade de promover aulas que envolvam o estudante de maneira mais participativa. Contudo, colocar essas propostas em prática envolve questões que nem sempre aparecem quando se discutem apenas seus benefícios. O professor precisa planejar, acompanhar estudantes com diferentes ritmos de aprendizagem, administrar o tempo disponível, avaliar de outras formas e, muitas vezes, trabalhar com recursos limitados. Este paper tem como objetivo refletir sobre as metodologias ativas e analisar alguns dos desafios enfrentados pelo docente durante sua utilização. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, apoiada em estudos que tratam da autonomia discente, da inovação pedagógica e da atuação do professor em práticas de aprendizagem ativa. A discussão evidencia que metodologias dessa natureza podem favorecer a participação e a autonomia dos estudantes, mas não funcionam de maneira automática nem dispensam a intervenção do professor. Ao contrário, exigem planejamento, formação e conhecimento da realidade da turma. Conclui-se que o valor das metodologias ativas não está simplesmente em tornar a aula diferente, mas em criar condições para que os estudantes participem da aprendizagem com sentido, sem desconsiderar o papel pedagógico exercido pelo docente.

Palavras-chave: Metodologias Ativas. Prática Docente. Aprendizagem. Autonomia. Formação Docente.

ABSTRACT

Active methodologies have become increasingly present in educational discussions, especially due to the need to promote classes in which students participate more actively in their own learning. However, putting these approaches into practice involves challenges that are not always evident when only their benefits are discussed. Teachers need to plan learning experiences, monitor students with different

learning rhythms, manage the available class time, develop different assessment strategies and, in many situations, work with limited resources. This paper aims to reflect on active methodologies and analyze some of the challenges faced by teachers when implementing them. A qualitative bibliographic research was carried out based on studies related to student autonomy, pedagogical innovation and the role of teachers in active learning practices. The discussion indicates that these methodologies may contribute to student participation and autonomy, but they do not work automatically or eliminate the need for teacher intervention. On the contrary, they require planning, professional development and knowledge of each classroom context. It is concluded that the value of active methodologies does not lie simply in making classes different, but in creating meaningful opportunities for students to participate in learning while recognizing the essential pedagogical role of teachers.

Keywords: Active Methodologies. Teaching Practice. Learning. Autonomy. Teacher Education.

RESUMEN

Hablar de metodologías activas se ha vuelto cada vez más frecuente en el ámbito educativo, principalmente ante la necesidad de promover clases que involucren al estudiante de manera más participativa. Sin embargo, poner estas propuestas en práctica implica cuestiones que no siempre aparecen cuando se discuten solo sus beneficios. El profesor necesita planificar, acompañar a estudiantes con diferentes ritmos de aprendizaje, administrar el tiempo disponible, evaluar de otras formas y, muchas veces, trabajar con recursos limitados. Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las metodologías activas y analizar algunos de los desafíos enfrentados por el docente durante su utilización. Para ello, se realizó una investigación bibliográfica de enfoque cualitativo, respaldada en estudios que abordan la autonomía discente, la innovación pedagógica y la actuación del profesor en prácticas de aprendizaje activo. La discusión evidencia que metodologías de esta naturaleza pueden favorecer la participación y la autonomía de los estudiantes, pero no funcionan de manera automática ni prescindan la intervención del profesor. Al contrario, exigen planificación, formación y conocimiento de la realidad del aula. Se concluye que el valor de las metodologías activas no está simplemente en hacer la clase diferente, sino en crear condiciones para que los estudiantes participen del aprendizaje con sentido, sin dejar de lado el papel pedagógico ejercido por el docente.

Palabras clave: Metodologías Activas. Práctica Docente. Aprendizaje. Autonomía. Formación Docente.

1 INTRODUÇÃO

A sala de aula mudou bastante nos últimos anos, assim como mudou a maneira pela qual os estudantes têm acesso à informação. Uma dúvida que antes dependia quase exclusivamente de um livro ou da explicação do professor pode hoje ser pesquisada em poucos segundos por meio de um celular. Isso não significa, porém, que ter acesso a uma grande quantidade de informações seja o mesmo que aprender. É justamente nesse ponto que o trabalho do professor continua sendo essencial.

Ao mesmo tempo, tornou-se difícil pensar em educação considerando o estudante apenas como alguém que escuta explicações e reproduz posteriormente aquilo que ouviu. Existem momentos em que uma boa exposição do professor é necessária e pode esclarecer

questões complexas. O problema está em transformar esse formato na única maneira de ensinar, sobretudo quando a própria realidade dos alunos oferece diferentes possibilidades de pesquisar, discutir, produzir e compartilhar conhecimentos.

As metodologias ativas aparecem nesse cenário como alternativas para ampliar a participação dos estudantes. A proposta pode envolver situações bastante diferentes: resolução de problemas, projetos, estudos de caso, sala de aula invertida, aprendizagem entre pares, pesquisas, atividades colaborativas e outras estratégias em que os estudantes precisam tomar decisões e mobilizar conhecimentos. Em vez de permanecer apenas como receptor, o aluno passa a realizar ações relacionadas ao objeto de aprendizagem.

Na prática, porém, existe uma diferença considerável entre conhecer uma metodologia e conseguir utilizá-la com uma turma real. Nem sempre todos os alunos participam como se espera. Alguns grupos conseguem desenvolver uma atividade com autonomia; outros solicitam a presença do professor a cada etapa. Há estudantes que assumem rapidamente a liderança, enquanto alguns permanecem mais afastados das discussões. Também há aulas nas quais uma atividade planejada para cinquenta minutos precisa ser interrompida justamente quando os alunos começam a avançar.

Essas situações mostram que trabalhar com metodologias ativas não pode ser resumido a trocar uma aula expositiva por uma dinâmica. Existe um trabalho de planejamento e acompanhamento que continua sendo responsabilidade do professor. Além disso, fatores como tamanho da turma, infraestrutura, tempo, formação profissional e características dos estudantes interferem diretamente na maneira como determinada proposta acontece.

Assim, o objetivo deste paper é refletir sobre as metodologias ativas e analisar os desafios enfrentados pelo docente em sua utilização, considerando principalmente a participação dos estudantes, as mudanças na atuação do professor, as dificuldades presentes no cotidiano educacional e a importância do planejamento e da formação profissional.

Quanto aos procedimentos metodológicos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, fundamentada em estudos relacionados às metodologias ativas e à prática docente. A discussão foi organizada a partir de três aspectos principais: a participação do aluno no processo de aprendizagem, as mudanças provocadas no trabalho do professor e os desafios encontrados na aplicação dessas propostas.

2 METODOLOGIAS ATIVAS E O COTIDIANO DO TRABALHO DOCENTE

2.1 QUANDO O ESTUDANTE DEIXA DE APENAS RECEBER INFORMAÇÕES

Uma das características mais associadas às metodologias ativas é a participação do estudante. Entretanto, participar não significa somente realizar uma tarefa ou fazer parte de um grupo. Um aluno pode passar uma aula inteira em uma atividade coletiva e, ainda assim, participar muito pouco da construção do conhecimento. A diferença está naquilo que a proposta exige dele.

Quando precisa pesquisar informações, levantar hipóteses, relacionar conteúdos, justificar uma escolha ou explicar determinada conclusão aos colegas, o estudante assume uma responsabilidade maior sobre o próprio processo de aprendizagem. Nesse caso, a atividade deixa de ser apenas algo realizado depois da explicação do professor e passa a fazer parte da própria construção do conhecimento.

Essa autonomia não surge espontaneamente. Berbel (2011) relaciona as metodologias ativas ao desenvolvimento da autonomia dos estudantes e chama atenção para práticas nas quais o aluno é levado a problematizar a realidade, tomar decisões e participar de forma mais consciente de seu processo de aprendizagem. Essa questão merece atenção porque, muitas

vezes, existe a expectativa de que os estudantes saibam trabalhar de maneira autônoma simplesmente porque receberam uma atividade diferente.

A realidade pode ser outra. Alguns alunos demonstram insegurança quando o professor não oferece imediatamente um caminho pronto. Perguntam se a resposta “está certa” antes mesmo de terminar o raciocínio ou aguardam uma confirmação a cada etapa. Isso não deve ser entendido simplesmente como falta de interesse. Durante muito tempo, muitos estudantes aprenderam que realizar bem uma tarefa significava seguir corretamente as instruções apresentadas pelo professor. Quando essa lógica muda, eles também precisam aprender a lidar com uma participação diferente.

Por essa razão, a autonomia precisa ser construída aos poucos. Em determinados momentos, o professor fornece mais orientações; em outros, permite que os estudantes decidam como chegar a uma resposta. Pode apresentar um problema sem indicar imediatamente a solução, solicitar que os grupos justifiquem suas escolhas ou permitir diferentes caminhos para chegar a uma produção final.

Esse processo nem sempre ocorre de maneira tranquila. Há turmas que aderem rapidamente a propostas mais participativas e outras que apresentam resistência. Também existem diferenças dentro da própria sala. Um estudante pode gostar de apresentar oralmente, mas ter dificuldade para trabalhar em equipe; outro pode participar pouco das discussões, mas realizar boas análises quando possui tempo para registrar suas ideias.

Assim, uma metodologia ativa não deveria obrigar todos a participar exatamente da mesma maneira. Reconhecer essas diferenças permite ao professor realizar ajustes e criar possibilidades para que a participação aconteça sem perder o objetivo pedagógico da atividade.

2.2 O PROFESSOR CONTINUA SENDO NECESSÁRIO

Em alguns discursos sobre inovação educacional, a expressão “professor mediador” pode transmitir a impressão de que sua atuação se torna mais simples. Basta propor uma atividade e permitir que os alunos construam o conhecimento. Na sala de aula, não é exatamente assim. Antes de uma atividade acontecer, alguém precisa definir o que se pretende ensinar. Também é necessário escolher os materiais, prever quanto tempo será necessário, pensar em possíveis dúvidas, organizar grupos e estabelecer de que maneira a aprendizagem será acompanhada. Esse trabalho não desaparece quando uma metodologia ativa é utilizada. Em algumas situações, inclusive, o planejamento pode exigir mais tempo do que o utilizado em uma aula predominantemente expositiva.

Para Bacich & Moran (2018), as metodologias ativas ampliam a participação do estudante no processo de aprendizagem e atribuem ao professor a função de organizar e mediar experiências que favoreçam a construção do conhecimento. Nesse sentido, deslocar parte da atividade para o aluno não significa retirar o professor do processo. O que muda é a natureza de algumas de suas intervenções.

Imagine, por exemplo, uma turma dividida em grupos para resolver uma situação ou um problema. Um grupo compreende rapidamente a proposta e começa a desenvolver uma resposta. Outro discute um caminho que não está relacionado ao objetivo da aula. Um terceiro grupo sequer começou porque os integrantes não chegaram a um acordo. Nesse momento, o professor precisa tomar decisões diferentes para cada situação. Não seria produtivo fornecer a mesma explicação aos três grupos.

A mediação aparece justamente nessa capacidade de observar o que está acontecendo e decidir quando intervir. Algumas vezes é necessário explicar; em outras, uma pergunta bem feita produz mais efeito do que apresentar a resposta. Também existem situações em que é preciso deixar o estudante errar, revisar e tentar novamente.

Isso torna a atuação docente mais dinâmica, mas também mais exigente. Em uma aula expositiva, é possível prever com maior segurança a sequência que será seguida. Em propostas ativas,

há espaço para respostas inesperadas, dúvidas que não estavam previstas e caminhos diferentes daqueles inicialmente imaginados.

O professor, portanto, continua sendo uma referência no processo. Conhecer o conteúdo permanece fundamental, assim como dominar formas de ensiná-lo. O que deixa de fazer sentido é acreditar que ensinar significa necessariamente apresentar todas as respostas antes que os estudantes tenham oportunidade de pensar sobre elas.

2.3 NEM TUDO FUNCIONA COMO APARECE NO PLANEJAMENTO

Uma atividade pode parecer muito bem organizada no planejamento, mas assumir outro rumo quando é aplicada em uma turma real. O número de alunos, o tempo disponível e a participação desigual nos grupos interferem diretamente no desenvolvimento das metodologias ativas. Em trabalhos coletivos, por exemplo, alguns estudantes podem assumir grande parte das tarefas enquanto outros participam pouco, o que exige acompanhamento constante do professor.

Outro desafio é o tempo. Atividades que envolvem pesquisa, discussão e produção costumam exigir mais de uma etapa, nem sempre compatível com a duração das aulas e com as demais demandas curriculares.

Lara *et al.* (2019, p. 5), ao analisarem experiências com metodologias ativas, afirmam que "não existe uma forma única de facilitar". Essa ideia reforça que uma mesma estratégia pode produzir resultados diferentes de acordo com a turma e o contexto. Por isso, o professor precisa avaliar a própria prática e realizar ajustes sempre que necessário.

Mais importante do que verificar se os alunos gostaram da atividade é observar se os objetivos de aprendizagem foram alcançados. Dessa maneira, a reflexão sobre aquilo que funcionou ou não se torna parte do próprio trabalho docente.

2.4 TECNOLOGIA AJUDA, MAS NÃO RESOLVE A AULA

Metodologias ativas e tecnologias digitais aparecem frequentemente associadas, mas não significam a mesma coisa. É possível desenvolver uma atividade participativa utilizando recursos simples, assim como uma aula pode continuar predominantemente expositiva mesmo com o uso de equipamentos digitais.

A diferença está na forma como o recurso é utilizado. Um quiz, por exemplo, pode servir apenas para marcar respostas ou pode gerar discussões sobre os motivos que tornam determinada alternativa correta ou incorreta. Assim, o valor da tecnologia depende da finalidade pedagógica atribuída a ela.

Também é necessário considerar que nem todas as escolas possuem os mesmos recursos. Problemas de conexão, quantidade insuficiente de equipamentos e dificuldades de acesso fazem parte de muitas realidades. Por isso, o planejamento precisa prever possibilidades de adaptação.

Antes de escolher uma ferramenta, torna-se mais importante definir o que se pretende que os estudantes aprendam. A tecnologia pode ampliar as possibilidades da aula, mas não substitui a intencionalidade pedagógica do professor.

2.5 FORMAÇÃO DOCENTE E DISPOSIÇÃO PARA REVER A PRÓPRIA PRÁTICA

A utilização de metodologias ativas também depende da formação docente. Entretanto, conhecer diferentes estratégias não significa necessariamente saber aplicá-las. A formação se torna mais significativa quando permite discutir situações reais, experimentar propostas e analisar os resultados obtidos em sala de aula.

A troca entre professores também pode contribuir nesse processo. Compartilhar experiências, dificuldades e adaptações ajuda a ampliar o repertório pedagógico e evita que a inovação seja vista como responsabilidade individual de cada docente.

Isso não significa abandonar completamente práticas já utilizadas. A exposição do professor, a leitura individual e os exercícios de sistematização continuam tendo importância em determinados momentos. O essencial é compreender qual estratégia atende melhor aos objetivos de aprendizagem e às características da turma.

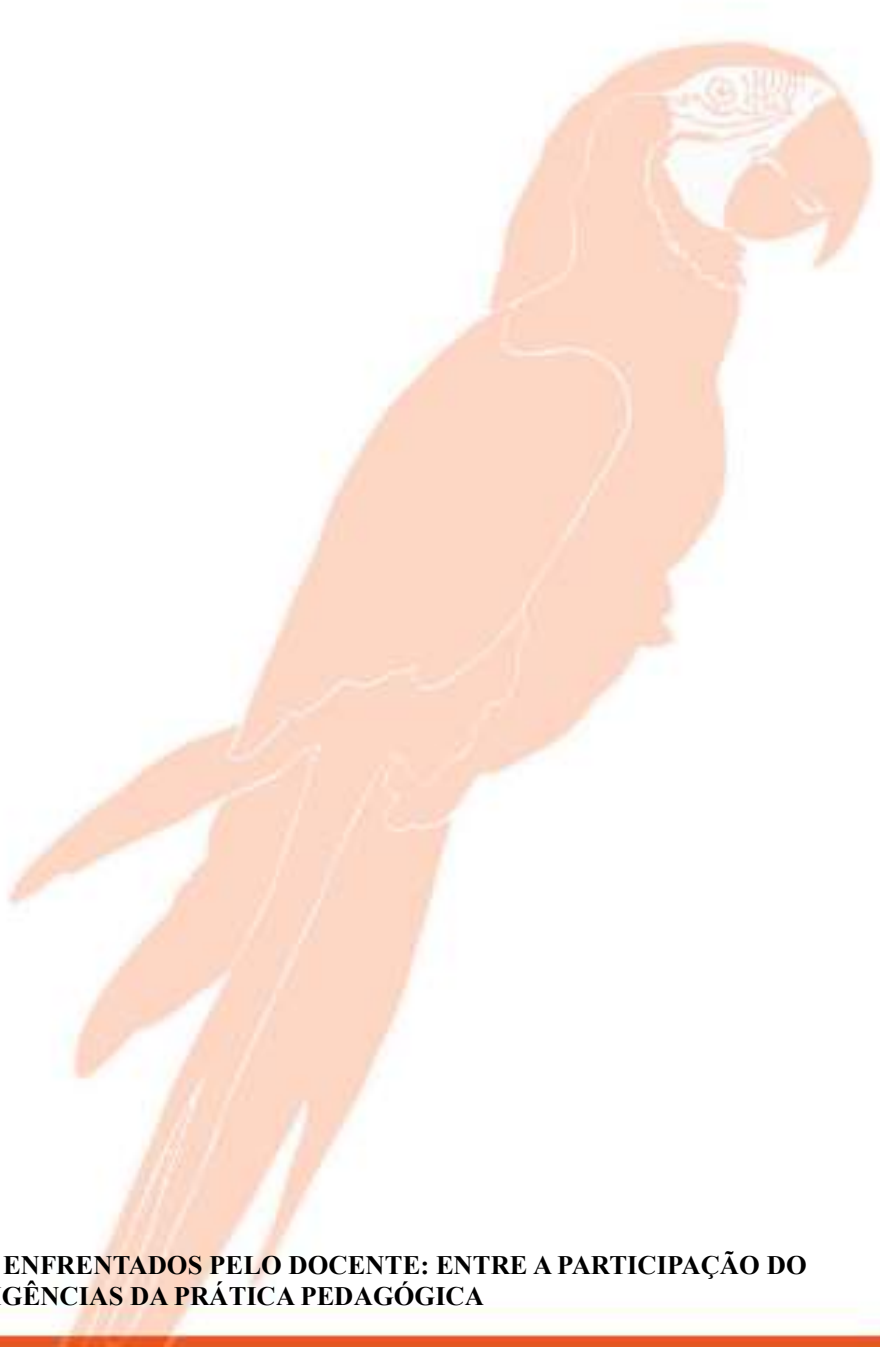
Assim, inovar não significa utilizar sempre uma metodologia diferente, mas saber combinar recursos e práticas de acordo com as necessidades dos estudantes. Quanto maior o repertório do professor, maiores são as possibilidades de realizar escolhas pedagógicas adequadas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, foi possível perceber que as metodologias ativas podem favorecer uma participação mais significativa dos estudantes, principalmente quando oferecem oportunidades para pesquisar, discutir, levantar hipóteses, resolver problemas e tomar decisões. Entretanto, essas possibilidades não acontecem simplesmente porque uma atividade recebeu o nome de metodologia ativa. Há um trabalho docente antes, durante e depois da aula que determina grande parte do sentido pedagógico da proposta. Planejamento, acompanhamento, intervenções adequadas e avaliação continuam sendo responsabilidades importantes do professor.

Também ficou evidente que trabalhar dessa maneira envolve dificuldades reais. Tempo limitado, turmas numerosas, participação desigual, infraestrutura, formação e diferentes níveis de

autonomia dos estudantes fazem parte do cotidiano escolar e precisam ser considerados. Por isso, talvez a contribuição mais importante das metodologias ativas não esteja em substituir um modelo por outro, mas em fazer o professor ampliar seu repertório e pensar com mais atenção sobre as escolhas que realiza. Uma prática pedagógica pode ser considerada inovadora quando favorece aprendizagens significativas e amplia a participação consciente dos estudantes, e não apenas quando utiliza uma estratégia diferente ou uma tecnologia nova.



REFERÊNCIAS

Bacich, L., & Moran, J. (Orgs.). (2018). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre, RS: Penso.

Berbel, N. A. N. (2011). As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. Semina: Ciências Sociais e Humanas, 32(1), 25-40.

Lara, E. M. O., Lima, V. V., Mendes, J. D., Ribeiro, E. C. O., & Padilha, R. Q. (2019). O professor nas metodologias ativas e as nuances entre ensinar e aprender: desafios e possibilidades. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, 23, e180393. https://doi.org/10.1590/Interface.180393.